



World Council  
of Churches

# O Amor de Cristo move o Mundo à Reconciliação e Unidade

Uma reflexão sobre o tema da  
11ª Assembleia do Conselho Mundial de Igrejas  
Karlsruhe, 2022





Em 2022, o Conselho Mundial de Igrejas se reunirá em Karlsruhe (Alemanha) para mais uma Assembleia. As Assembleias são momentos em que as igrejas da irmandade do CMI, respondendo à oração de Cristo “para que sejam levados à plena unidade” (João 17:23), conclamam umas às outras à unidade visível para o bem do mundo que Deus ama e para o bem da criação que Deus viu que era boa.



## O contexto em que nos reuniremos

A 11ª Assembleia se reunirá no coração da Europa, em Karlsruhe, cidade da Alemanha – um país com muita riqueza, mas que, como muitos, ainda se recupera dos impactos causados pela COVID-19 no bem-estar das pessoas em suas diversas dimensões: pessoais, econômicas e espirituais.

A assembleia ocorre este ano depois de certo atraso para além da data inicialmente planejada como resultado da pandemia global, de um vírus que expôs e evidenciou tanto a vulnerabilidade de toda a humanidade quanto as profundas desigualdades e divisões entre nós. O mundo foi despertado para as cruéis realidades do privilégio e da opressão, das injustiças econômicas, sociais e étnicas.

Na penumbra destas experiências, as igrejas se reunirão, em resposta ao chamado de Deus, para lançar uma luz de esperança e celebrar o amor de Deus a Santíssima Trindade, um amor manifesto em sua plenitude em Jesus Cristo e que move as pessoas à reconciliação e à unidade. Nestes tempos em que vivemos, pararemos para nos fazer algumas perguntas importantes: como uma igreja – em que o amor de Cristo tem prazer em habitar – organiza-se, pronuncia-se e age neste período? Como, neste momento, devemos compartilhar juntos e juntas a missão de amor de Deus para o mundo?



Desde 2013, o chamado comum das igrejas tem sido expresso como uma Peregrinação de Justiça e Paz, e haverá muito para recordar e celebrar com alegria enquanto refletimos sobre tudo o que aconteceu em nossa caminhada compartilhada desde então. A assembleia também será um momento para encontrar inspiração para os próximos passos da jornada – passos a serem dados sob a bandeira do amor de Deus, a Santíssima Trindade; um amor revelado em Cristo; e, através do poder do Espírito Santo, um amor que existe dentro de toda a humanidade e de toda a criação e que conecta as duas ao mover-se por ambas.

A pandemia global levou muitas vidas e desafiou profundamente os modos de vida que muitas pessoas

consideravam até então “normais”. Diante da tragédia e da morte, redescobrimos como dependemos das pessoas à nossa volta, os limites do individualismo, os desafios da globalização (que permite a um vírus disseminar-se tão rapidamente) e nossa responsabilidade mútua para com as outras pessoas (e às vezes também o medo que sentimos do outro).

Ao mesmo tempo, a guerra e a pobreza continuam a trazer muita miséria, sofrimento e morte. As mudanças em nosso clima, ignoradas pela maioria das pessoas por décadas, agora provocam novos níveis de temor entre algumas pessoas, apesar do fato de que, para as pessoas mais pobres do mundo, elas já trazem, no agora, uma série de desastres e ameaças. A política

está mudando rapidamente, tanto entre comunidades ricas quanto pobres, e a própria democracia, para algumas pessoas, parece algo ultrapassado e muitas vezes uma promessa vazia. Os espaços multilaterais e os processos de decisão coletiva em nível global estão encolhendo rapidamente, inclusive sendo ignorados em alguns momentos quando enfrentamos crises profundas.

As pessoas que são em Cristo, vivendo o amor de Cristo que opera em nós, são chamadas a fazê-lo *neste mundo*, a ser uma comunidade escatológica, vivendo como um sinal e antegozo do reino que está por vir e tornando visível o amor que enche nossos corações de alegria, mesmo nos dias mais sombrios.

A assembleia será um momento para reunir forças para nossa peregrinação comum no mundo em sua realidade atual, para ouvir-nos mutuamente e encorajar-nos mutuamente enquanto celebramos o amor que, através do Espírito Santo, nos move, nos cura e nos fortalece.

Juntos e juntas, imersos no amor a Cristo, fortalecidos pelo Espírito Santo e elevados por Deus, que é a fonte de nosso próprio ser e de toda a criação, a comunhão das igrejas encontrará força para a jornada e esperança para o futuro. Buscamos maneiras de responder a todas as pessoas que acreditam que sejam pouco amadas, desprezadas e ignoradas e de trazer o amor de Deus para as pessoas perdidas, a reconciliação de Deus para as pessoas em conflito, assim como a unidade de Deus para todas as pessoas que estão divididas, ao mesmo tempo em que nos regozijamos de receber esses mesmos dons e bênçãos nós mesmos/as.



## **“O amor de Cristo ... ”**

### **As bases bíblicas e teológicas do tema**

O tema “O amor de Cristo move o mundo à reconciliação e unidade” é diretamente inspirado por 2 Coríntios 5:14<sup>1</sup> e se inspira no próprio coração do evangelho, que oferece ao mundo o profundo e maravilhoso amor de Deus, a Santíssima Trindade. Ele está enraizado no desígnio de Deus para a unidade e reconciliação de todos, um desígnio tornado visível na encarnação do amor de Deus em Jesus Cristo.

Para Paulo, que escreveu aos Cristãos e Cristãs em Corinto, Jesus Cristo não é simplesmente um mestre galileu ou o fundador de uma nova e exclusiva religião, mas o Cristo cósmico e universal, no qual “habita corporalmente toda a plenitude da divindade” (Col. 2:9). Por amor a nós e para toda a criação, Deus se fez carne, assumindo todo o sofrimento e paixão da humanidade e de toda a ordem criada para nos curar, nos restaurar, nos salvar e nos reconciliar com Deus. Nossa fé proclama que “Deus é amor” (1 João 4:16) e que, em Jesus Cristo, esse mesmo amor de Deus foi revelado ao mundo.

Como a Palavra eterna se fez carne em Jesus Cristo, assim somos chamados a estar “em Cristo” e a habitar em Cristo no amor do Deus único, santo e eterno. A igreja, como o corpo de Cristo (Ef. 1:22-23), recebe, vive, testemunha e compartilha esse amor com as outras pessoas para que a paz, a justiça e a unidade sejam derramadas em todos os lugares onde os filhos de Deus hoje lançam seus gritos de dor por seu sofrimento, que vivem em lugares de injustiça e violência.

<sup>1</sup> 2 Coríntios 5:14a: “Pois o amor de Cristo nos impulsiona...”

O tema de qualquer assembleia é estruturante de toda a reunião da irmandade, e oferece uma imagem da vida e da jornada que vivenciamos em conjunto, definindo a direção para jornadas futuras. Assim, ele se torna uma maneira eficaz para as igrejas verem renovado seu chamado comum a buscar a comunhão (*koinonia*), que é dom e promessa de Deus, assim como para moldar seu serviço (*diakonia*) aos povos do mundo e à criação, se comprometer com a missão de amor de Deus ao mundo (*missio Dei*) e dar palavras às orações que compartilham pelo bem de si, das pessoas à sua volta e pelo bem de todo o mundo (*leiturgia*).

O tema definido para a assembleia de 2022 nos lembra que a Igreja, como o corpo de Cristo, é movida pelo próprio Cristo – cujo amor pelo mundo, que era o próprio amor de Deus, era tão profundo que ele se entregou até à morte por ele. Assim como somos tocados pelo que é revelado e dado por meio do amor de Cristo, recebemos também o dom do Cristo de amor, e, por meio dele, tudo o que Deus fez. Ao estarmos “em Cristo”, não somos simplesmente inspirados a amar, mas abençoados com o dom do amor. Em 2 Coríntios, Paulo diz à igreja primitiva que “o amor de Cristo nos impulsiona”.

Os textos evangélicos e muitas passagens de todo o Novo Testamento – muitas delas a serem estudadas durante toda a assembleia – nos mostram como o amor de Deus revelado em Jesus Cristo foi testemunhado e interpretado pela primeira vez pela igreja primitiva.



Foto: Albin Hillert/CMI

Um texto-chave é Mateus 9:35-36, que descreve como era o amor de Cristo, revelado e exercido em seu ministério. Nós lemos que

*Jesus ia passando por todas as cidades e povoados, ensinando nas sinagogas, pregando as boas novas do Reino e curando todas as enfermidades e doenças. Ao ver as multidões, teve compaixão delas, porque estavam aflitas e desamparadas, como ovelhas sem pastor.*

Vemos neste texto o Cristo que é movido pela compaixão, movido profundamente “em suas entranhas”, aquele que traz boas notícias, cura e esperança para as multidões que estavam “aflitas e desamparadas”. Seu amor não é apenas por seus discípulos imediatos, mas muito mais amplamente pelas multidões, pelas pessoas em todas as cidades e em todos os vilarejos que se reuniram no deserto para ouvir seus ensinamentos, e por todas as pessoas que Deus fez. Este amor não é apenas o

amor de um ser humano inspirador, mas o amor de Deus revelado nele e através dele. Este amor divino é expansivo, profundo, trazendo esperança prática e transformadora de vida. É este tipo de amor, o amor daquele em quem Deus é feito presente no mundo em todas as suas feridas e rupturas, que move tanto a igreja quanto o mundo.

A assembleia proporcionará uma oportunidade para refletir profundamente sobre o significado do amor de Cristo – e para que possamos sentir, nós mesmos/as, além do amor que tanto recebemos como ofertamos, que nos renovamos e nos reimaginamos através do amoroso olhar de Cristo. Descobriremos juntos como o amor não é – como lhe descrevem frequentemente –, simplesmente algo sentimental ou romântico, mas que pode ser uma participação no amor de Deus revelado em Cristo: o amor que é redentor, abnegado e sacrificial, assim como prático e ativo na promoção de mudanças para o bem.

**“... leva o mundo à  
reconciliação e unidade”**

**Respondendo aos desafios do  
nosso tempo movidos pelo  
amor de Cristo**

Uma assembleia do Conselho Mundial de Igrejas é um lugar onde nos reunimos como irmandade de todo o mundo, em que os anseios e as necessidades do mundo estarão também presentes, trazidos por todos/as os/as participantes e convidados/as. Como igrejas, somos sinais para o mundo do Reino de Deus que está por vir: procuramos responder concretamente aos muitos desafios de nosso tempo e nos tornarmos discípulos cujas vidas estão transformando o mundo.

No entanto, o que devemos dizer sobre o mundo que o amor de Cristo move? O que na vida do mundo, nestes tempos, desafia nossa fé, nosso testemunho e nossa busca pela unidade de Cristãos e Cristãs, e da humanidade e da criação?





Foto: Marcelo Schneider/CMI



Foto: Mike DuBose/Agência de notícias da Igreja Metodista Unida



Foto: Mike DuBose/Agência de notícias da Igreja Metodista Unida

## COVID-19

O mundo inteiro tem vivenciado a experiência de enfrentar uma pandemia global. Muitas pessoas morreram, e para muitas mais a COVID-19 trouxe tristeza, fragilidade e profunda ansiedade sobre o futuro.

Temos vivido um momento de ruptura que nos prostrou de joelhos; muitas pessoas e comunidades sofreram traumas profundos, algumas tão desesperadas que chegaram ao ponto de encerrar suas próprias vidas. Estes eventos, de certa forma, nos colocaram em nosso lugar. Eles nos revelaram o quanto precisamos de conexão com as outras pessoas, mesmo quando, para evitar o contágio, precisamos ficar distantes delas. Todas as pessoas precisam de amor e apoio, mas o amor se torna mais difícil de expressar e tornar vívido em momentos como esse.

A COVID-19 também expôs como a suposta autossuficiência, a independência e o individualismo com os quais tantas pessoas passaram a contar, particularmente no Ocidente, são apenas ilusões. Ficou claro que nós, seres humanos, não somos mestres da criação, mas sim parte dela e vulneráveis dentro dela.

A pandemia também deixou ainda mais evidentes as desigualdades do mundo, bem como aumentou nossa percepção a respeito dos desafios mais significativos de nosso tempo. Também tem sido desafiador para as igrejas continuar a atuar em adoração, em celebração dos sacramentos e em serviço ao mundo, e algumas têm discutido dentro de si mesmas ou com o Estado sobre como podem ser fiéis a Deus e ao povo de Deus.

O mundo ressoa com muitos gritos de dor, sofrimento e protesto das comunidades e dos povos, bem como com os gritos da própria criação. Em todo o mundo, as pessoas estão “aflitas e desamparadas, como ovelhas sem pastor”. E por todas as pessoas do mundo, particularmente as pobres que mais sofrem, como sempre, Cristo tem compaixão.

## Mudanças Climáticas

Vivemos em um mundo onde o clima está mudando, e mudando por causa do que os seres humanos fizeram. A Terra, nosso lar comum, está sofrendo sob o domínio humano. Muitas pessoas, especialmente as jovens, falam hoje de uma emergência climática. Do topo do Everest (lixo) ao fundo dos oceanos (plástico), da Sibéria (temperaturas recordes) ao Kilimanjaro (a neve “eterna” está desaparecendo) e até às ilhas do Pacífico (muitas podem estar submersas), os sinais vitais do planeta mostram as consequências das vidas que tantos viveram. Muitas espécies enfrentam a extinção, e a rica biodiversidade da criação, da qual dependemos todos e todas nós, está sob séria ameaça. Aprendemos que uma vida sem limites traz destruição sem limites.

Uma série de cientistas considera hoje que a Terra está vivendo em um novo período de sua história, chamado o Antropoceno, no qual o impacto da dominação humana, especialmente durante os últimos 200 anos de industrialização, não pode mais ser revertido. A humanidade não cuidou da criação, e agora o amor de Deus por toda a criação, tornado visível em Cristo, clama por mudanças e por nosso arrependimento. No entanto, como pessoas em Cristo que são o primeiro fruto de uma nova criação (como uma renovação da terra), temos uma esperança inabalável no futuro.



Foto: Sean Hawkey/CMI



Foto: Marcelo Schmitt/CMI



Foto: Marcelo Schmitt/CMI



Foto: Sean Hawkey/CMI



Foto: Steven D. Martin/NCUSA

## Desigualdades

Vivemos em um mundo ainda dominado por uma economia global que concentra a riqueza nas mãos de poucas pessoas e aprofunda as desigualdades entre as nações e dentro delas. Estas desigualdades só foram aprofundadas e reforçadas pela pandemia. Em alguns lugares, os países foram levados à beira da ruína econômica: a pandemia pode ter sido a gota d'água em um mar de vários outros desafios. Em outros, os governos e a população são tentados a voltar-se para seu interior, a se retirar de acordos e ajudas internacionais, e a “alimentar os nossos primeiro”.

Esta realidade mundial destoa da tradição bíblica de compaixão pelas crianças órfãs, pela viúva e pelo/a estrangeiro/a como sinais de fidelidade ao pacto de Deus com o povo de Deus, uma tradição encarnada na compaixão de Jesus pelas pessoas que vivem “nas margens” como ovelhas sem pastor. Nos últimos anos, muitas igrejas e organizações ecumênicas têm clamado pela adoção de uma nova “economia da vida”, firmada em uma nova arquitetura econômica e financeira internacional.

Também nos tornamos testemunhas de terríveis atrocidades e vimos poderosos protestos contra as desigualdades que a

supremacia branca sustenta e que o racismo alimenta, enquanto o mundo ouve as vozes proféticas que proclamam que “As Vidas Negras Importam”.

Em sua mensagem gravada aos delegados do sétimo Fórum Inter-Religioso Anual do G20, o Patriarca Ecumênico Bartolomeu I enfatizou, em relação ao movimento *Black Lives Matter*, que “o valor infinito dado por Deus a todo ser humano... Não pode ser reduzido a valor de mercado, a um mero produto para troca”.

Ele também observou que “a dignidade humana não tem cor, sexo, idade, etnia ou religião. Todas as pessoas têm o mesmo valor e, portanto, o respeito e a igualdade de tratamento das pessoas humanas devem ser garantidos em todos os momentos e em todos os lugares... Gostaríamos de aproveitar esta oportunidade para levantar nossa voz contra as desigualdades estruturais e todas as formas e expressões de racismo, etnocentrismo, tribalismo, castelismo e classismo. As pessoas que formulam as políticas e as que as implementam precisam saber que clamamos por tolerância zero à injustiça e a qualquer outra forma de prática discriminatória”<sup>2</sup>

<sup>2</sup> Conforme relatado em <https://www.romfea.gr/oikoumeniko-patriarxeio/39899-oikoumenikos-patriarxis-kaloume-se-mideniki-anoxi-apenanti-stin-adikia>.



Foto: Marcelo Schneider/CMI



Foto: Albin Hillert/CMI

## A revolução digital

A nova revolução tecnológica digital que percorre todo o mundo pode ser muito mais radical em suas consequências do que as revoluções industriais anteriores. Ela está mudando em ritmo sem precedentes a maneira como vivemos, trabalhamos e nos relacionamos. É uma revolução que serve bem algumas das necessidades das pessoas que não podem mais interagir fisicamente, permitindo que a comunicação e o trabalho atravessem muitas fronteiras; mas suscita também questões profundas e desconfortáveis sobre nossa compreensão do que é ser humano/a.

O movimento de afastamento da comunicação presencial pode, em alguns casos, levar a novas formas de estranhamento entre nós. Poderemos, no futuro, nos encontrar aparentemente capazes de superar as limitações físicas e mentais humanas de tal forma que o que queremos dizer com “humano/a” hoje pode não corresponder mais ao que será então ser uma pessoa “humana”. Inteligência artificial, algoritmos, aprendizagem de máquina, pesquisas biológicas para criar seres humanos mais “perfeitos”, desenvolvimento e uso de robôs... Tudo isso suscita novas questões sobre a liberdade e a identidade humanas.



Foto: Albin Hillert/CMI



Foto: Marcelo Schneider/CMI



## Uma perda de esperança e confiança na possibilidade de um futuro melhor

Em um mundo onde muitas pessoas já não têm fé em seus governos, em fóruns internacionais ou na cooperação e muitas sofreram uma erosão de seus direitos humanos e liberdades, é premente a necessidade de um renascimento da esperança e da visão para o futuro. Nos últimos anos, o mundo tem visto uma guinada para o egocentrismo e a separação em vez da unidade, para o localismo em vez do universal e internacional, além de uma maior valorização da diferença e da identidade em detrimento da unidade de toda a humanidade.

O mundo geme de dor porque há violência entre os povos, porque há tantas pessoas refugiadas e povos sem terra ou perseguidos, porque mulheres e crianças sofrem violência, porque há tanta gente com fome, tanta gente vulnerável, tanta gente com medo. Diante de tanto sofrimento e injustiça, os governos e as organizações do mundo parecem ter efeitos limitados ou até estar aprofundando o sofrimento e o que é errado.

No entanto, a pandemia também tem evocado, em muitos lugares, uma resposta impressionante e comovente: pessoas ajudando seus próximos, governos e organizações de saúde trabalhando para trazer alívio, cientistas trabalhando para encontrar e testar uma vacina, assim como nações trabalhando em conjunto. Há sinais de que o mundo precisa de um senso renovado de solidariedade e esperança, e que clama por isso. Há pessoas buscando formas de tornar real e tangível, na arena pública, o amor que tem enriquecido tantas de nossas vidas pessoais e privadas. Vivemos em um mundo em que, quando se trata de coisas como clima, pobreza e saúde, somos um. A pandemia tornou esta verdade mais do que clara.



Foto: Albin Hillert/CMJ



Foto: Agence France Presse/Retna da República da Coreia



Foto: Marcelo Schneider/CMI

## O mundo clama por paz e justiça

O mundo em que vivemos, e no qual a assembleia do Conselho Mundial de Igrejas se reunirá em 2022, é marcado por muitos tipos de injustiça e pela dor de muitos de seus povos, de suas criaturas e até mesmo da própria terra. Há guerra e violência aterrorizantes em muitos lugares – às vezes, tragicamente, até mesmo decretadas em nome da religião – enquanto as pessoas continuam a rezar e anseiam pela paz. Há enorme desigualdade e injustiça, e poucos fazem banquetes enquanto muitos morrem de fome. Há muitas maneiras pelas quais seres humanos continuam a exercer domínio sobre outros seres, para aumentar o preconceito e para exercer o poder de excluir e oprimir. Os recursos da criação continuam a ser explorados e abusados, ignorando os clamores por arrependimento e renovação de todos e todas nós que compartilhamos deste lar comum.



Foto: Albin Hillert/CMI

# A primeira e principal atitude de Deus em relação ao mundo: O amor

Entretanto, em tempos como estes, como pessoas que são em Cristo, nunca ficamos sem esperança, mesmo diante de desafios tão grandes. De fato, tão grandes são os dons e as bênçãos de Deus que sabemos que não lutamos sozinhos, e que não é só com nossos próprios recursos que podemos contar. Deus está trabalhando no mundo e dentro do povo de Deus na igreja. O texto da divisão de Fé e Ordem CMI intitulado *A Igreja: em Direção a uma Visão Comum* nos lembra, em seu capítulo final, que

*Visão Comum nos lembra, em seu capítulo final, que a primeira e principal atitude de Deus em relação ao mundo é o amor; por cada criança, mulher e homem que já fez parte da história humana, e, de fato, por toda a criação*<sup>3</sup>.

Esta “primeira atitude de Deus” é feita carne em Jesus Cristo: na compaixão que ele viveu em seu ministério terreno; no mistério de sua encarnação; em seu sofrimento, morte e ressurreição para uma nova vida; e na promessa da futura renovação de toda a criação. E este amor, o amor com o qual ele amou e o amor que ele torna possível em nós, é o presente de Deus para a igreja e para o mundo. É este amor que inspira, move e cria tudo o que é possível na vida da igreja, pois se torna um sinal do amor de Deus pelo mundo.

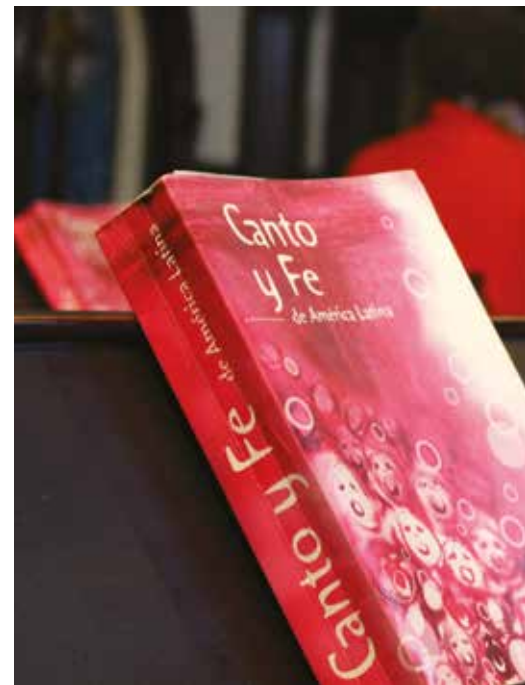
O tema da assembleia não menciona explicitamente a igreja e deixa em aberto exatamente como o amor de Cristo pode se manifestar para que o mundo possa ser movido. A igreja pode precisar ter uma certa modéstia, já que nem todo seu povo torna sempre visível de todas as maneiras a profundidade do amor de Deus. Mas a igreja pode regozijar-se no fato de que é, por desígnio de Deus, uma nova criação, sinal e servo da missão de Deus para o mundo, e esta missão está sempre enraizada no amor, expresso e fundado na fé proclamada pelos apóstolos.

<sup>3</sup> The Church: Towards a Common Vision, Paper da Divisão de Fé e Ordem do CMI, pg. 214, §58 (Genebra:WCC Publications, 2013), <https://archive.org/details/wccfops2.221/page/32/mode/2up>.





Foto: Geoffrey Alemba/CMI



A vida da igreja, em sua adoração e seu serviço ao mundo, é chamada a ser um sinal do amor revelado em Cristo e vivido pelos apóstolos através do poder do Espírito Santo. Este é o amor que pode mover o mundo em direção à reconciliação e à unidade. A unidade da igreja, como testemunho de reconciliação, também deve ser sempre identificada e conectada com seu serviço no mundo e para a transformação do mundo. Um texto anterior do CMI, *A Igreja e o Mundo*, expressou assim o conceito:

*Ao oferecer sua vida comum a serviço de Deus e do amor de Deus pelo mundo, a igreja também tem que lutar constantemente, tanto por sua presença ao lado das pessoas que sofrem quanto por sua ação em favor delas. Nesta partilha do amor de Deus, a igreja lhes permite perceber o sofrimento do amor de Deus em Jesus Cristo por elas, e a própria igreja é conduzida a uma experiência mais profunda desse amor<sup>4</sup>.*

4 Church and World, Paper da Divisão de Fé e Ordem do CMI, pg. 151, §38 (Genebra:WCC Publications, 1990), <https://archive.org/details/wccfops2.158/page/32/mode/2up>.

É este amor que inspira as pessoas que seguem a Cristo a se aproximarem umas das outras na unidade que é o dom de Deus. O amor inspira a comunhão e o amor nos atrai uns aos outros. O próprio Cristo, por amor a Jerusalém, clamou:

*“Quantas vezes eu quis reunir os seus filhos, como a galinha reúne os seus pintinhos debaixo das suas asas!”  
(Lucas 13:34)*

O amor, mais do que ideias e ideais, reúne, inspira e cria unidade. A igreja é um sinal deste amor sacrificial de Cristo no mundo, e as pessoas da igreja são servas do evangelho para que, através de seu amor, tanto na atitude como na prática, possam inspirar as pessoas que estão além das paredes da igreja. Este testemunho não vem somente do esforço humano e não se baseia em uma noção romântica e ingênua da aspiração humana, mas é tornado possível pelo amor de Cristo trabalhando em nós.

Cristo, por amor, rezou pela unidade de seus amigos e discípulos (João 17). Ele rezou “para que sejam levados à plena unidade”, não apenas para seu próprio bem, mas também para que o mundo possa acreditar. O que a igreja deve ser e o que a igreja deve fazer são dois lados da mesma moeda. A igreja é



Foto: Marcelo Schneider/CMI



Foto: Geoffrey Alemba/CMI

una, de acordo com as escrituras e a fé apostólica, e é também chamada a ser um sinal de unidade para um mundo dividido.

Do coração do Cristo amoroso vem a oração pela unidade. No culto Cristão, a eucaristia transmite a realidade do amor de Deus tornado conhecido em Cristo através da encarnação, da cruz e da ressurreição. É este amor que move os seguidores de Cristo a amar não apenas uns aos outros, mas também o mundo pelo qual ele morreu. Cristo move seu povo a amar o mundo que *ele* amava e a se tornar um sinal da cura, da reconciliação e da unidade pela qual um mundo aquebrantado clama. O testemunho dos apóstolos é que Cristo derruba todos os marcadores familiares de diferença e divisão.

*Não há judeu nem grego, escravo nem livre, homem nem mulher; pois todos são um em Cristo Jesus. (Gal. 3:28)*

A igreja testemunha o amor do Deus trino que ama, que é amado, e que é amor<sup>5</sup>. A igreja participa da unidade no coração de Deus e se oferece como um sinal escatológico e servo da prometida unidade da criação cumprida e glorificada de Deus. A unidade que buscamos não é, portanto, simplesmente

5 Uma alusão a uma sugestão de Agostinho, de acordo com a tradição Ocidental, em sua obra *De Trinitate*.

uma espécie de projeto comum baseado em aspirações compartilhadas, mas algo que se baseia no amor de Deus que nos junta e nos une.

É motivo de lamento que nossa desunião atual, nossa falta de amor mútuo e nossa própria necessidade de reconciliação nos tornem, na igreja, às vezes maus sinais e maus/más servos/as do Cristo que nos chama a sê-lo, mas este é o desafio diante da igreja, e também a promessa e a esperança perante ela.

Quando as igrejas encontram a unidade, elas o fazem não apenas como testemunhas do mundo, mas como parte do mundo que Deus criou. Ali mesmo, já dentro da própria igreja, o mundo está sendo reunido em unidade. Como dito em *A Igreja e o Mundo*,

*O que é reunido, reconciliado e renovado na igreja é, de fato, “mundo” em seu afastamento de Deus, e, portanto, este processo de renovação se refere continuamente ao mundo e ao futuro em sua redenção final<sup>6</sup>.*

O amor de Cristo, ao trazer unidade na igreja, está também levando o mundo à reconciliação e à unidade.

6 *Church and World*, §14.





Foto: Albin Hillert/CMI

## Um ecumenismo do coração

Esta é a primeira vez que a palavra “amor” faz parte de um tema de assembleia do CMI. O que poderia significar para o movimento ecumênico ser moldado pelo coração como também pela cabeça, e viver imitando a principal atitude de Deus em relação ao mundo – ou seja, o próprio amor?

Muitas pessoas nas igrejas exortam que nossa busca pela unidade não deve ser apenas intelectual, institucional e formal, mas também baseada no relacionamento, na oração comum e, acima de tudo, no afeto e no amor mútuos. Ela deve também estar sempre enraizada na fé dos apóstolos, daqueles a quem foi dado o novo mandamento de “amem-se uns aos outros”, enquanto o Cristo que os chamou de amigos (e não servos) lavou seus pés (João 13).

Este mesmo Cristo urgiu que “quem tem os meus mandamentos e lhes obedece, esse é o que me ama.” (João 14:21), de modo que o amor nunca é simplesmente uma emoção, mas está fundamentado em um discipulado fiel e transformador.

Como seres humanos, sabemos muito bem que unidade e amor combinam. A própria palavra “comunhão” (*koinonia*), uma palavra que muitas vezes escolhemos acima do termo “unidade”, implica o tipo de unidade que acontece quando as pessoas se amam. Em nossas vidas mais íntimas, podemos experimentar, se formos verdadeiramente abençoados/as e se for nossa vocação, a maravilha do tipo de amor que une os seres humanos de tal forma que se fazem um – não apenas fisicamente, mas, poderíamos dizer, espiritualmente. E há muitos relacionamentos em nossas vidas nos quais sabemos o quanto a unidade e o amor podem estar próximos.



Foto: Albin Hillery/CMI



Foto: Albin Hillery/CMI

O amor nos atrai, nos faz querer estar juntos, compartilhar tudo o que temos, fazer uma nova comunidade, dar vida e estar ao lado daquela pessoa mesmo quando os problemas surgem e quando o sofrimento é profundo. Amor e comunhão andam de mãos dadas. Unidade e amor se encontram juntos. O amor nos leva à união.

O foco no amor não só nos une como Cristãos e Cristãs, mas também nos leva a um relacionamento mais profundo com todas as pessoas de fé e todas as pessoas de boa vontade. O amor como um tema que flui através de diferentes tradições de fé é uma base extremamente sólida para o serviço e a busca de justiça que transcende fronteiras. No amor, nos atentamos não apenas a nós, mas também ao “outro” – fazendo da pessoa estranha nossa próxima através da hospitalidade e solidariedade radicais. O amor como a linguagem de nossa fé pode envolver ativamente e profeticamente o mundo como o vemos e o experimentamos hoje de forma que fará a diferença para um amanhã compartilhado.

Nossa existência como Cristãos e Cristãs em um mundo multirreligioso nos chama a viver o mandamento de Jesus de amar o próximo, encarnando uma fé que é, ao mesmo tempo, apaixonadamente comprometida e ávida por um diálogo mais amplo. Como nos mostra o texto *Servindo a um Mundo Ferido em Solidariedade Inter-religiosa: Um Chamado Cristão à Reflexão e Ação durante a Pandemia de COVID-19 e Além*, produzido em conjunto pelo CMI e pelo Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-religioso:

*Nossa fé se torna viva em ações que vivem o amor de Cristo. Fazê-lo mantém nossa fé e missão vivas e ativas, transforma nossa vida como Cristãos e Cristãs em um sinal amoroso da presença de Cristo*

*e constrói o amor e a compreensão entre nós e as pessoas às quais nos unimos para expressar nosso amor na ação*<sup>7</sup>.

Aprendemos também que o amor é muito mais do que emoção e sentimento, que ele é testado através do tempo e que envolve, de fato, uma expressão de emoções, mas também, em igual nível, um compromisso da vontade e do intelecto. O amor é algo que Cristo até nos *ordena*; não é algo que simplesmente nos acontece. É, sim, algo relacionado a nossos sentimentos, mas é também, igualmente, uma questão de nossas políticas, nossas ações e nosso pensamento cuidadoso. O amor, como escreveu São Paulo aos Coríntios (1 Coríntios. 13:1-7, 13), é paciente e bondoso, não insistindo em seu próprio caminho, não se ressentido, se regozijando com a verdade. Suporta todas as coisas, acredita em todas as coisas, tem esperança por todas as coisas, suporta todas as coisas.

Na peregrinação rumo à unidade Cristã, algumas vezes presumimos que, quando soubermos que estamos em plena e visível unidade, quando esse grande dia chegar, *ai então* poderemos nos amar plenamente. Quando pudermos saber que compartilhamos a fé apostólica, quando pudermos reconhecer em nós e nas outras pessoas a igreja santa, católica e apostólica, quando pudermos nos reunir em torno de uma única mesa, *ai então* poderemos nos amar uns aos outros.

*Contudo*, até chegarmos lá, talvez nossa comunhão seja possível, e seremos movidos/as a recebê-la à medida que começarmos a nos amar – não apenas teoricamente ou abstratamente, mas de forma visível e deliberada, de forma que qualquer pessoa que olhe para nós poderá ver. Isto seria verdadeiramente um ecumenismo do coração.

7 Conselho Mundial de Igrejas e Conselho Pontifício para o Diálogo Inter-Religioso: Servindo a um Mundo Ferido em Solidariedade Inter-religiosa: Um Chamado Cristão à Reflexão e Ação durante a Pandemia de COVID-19 e Além (CMI e CPDI), 2017. <https://www.oikoumene.org/resources/publications/serving-a-wounded-world-in-interreligious-solidarity>



Foto: Albin Hillert/CMI

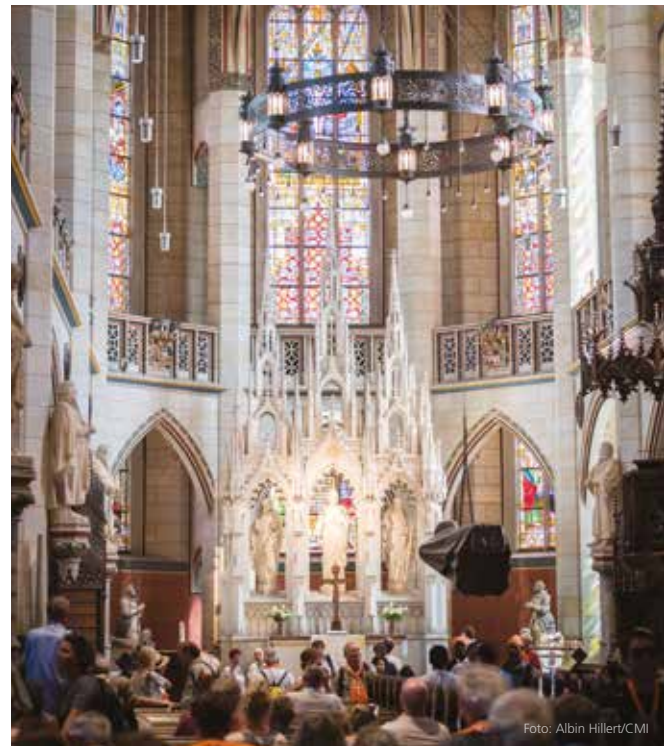


Foto: Albin Hillert/CMI





## Conclusão

O movimento ecumênico sempre teve como pilar central as igrejas conclamando umas às outras à unidade visível para a plena comunhão. Nos tempos que vivemos, em que a pandemia torna tão difícil até mesmo uma simples reunião presencial, essa vocação é ainda mais necessária.

As igrejas precisam, agora, *juntas*, em um movimento ecumênico renovado em prol do mundo, encontrar uma voz mais pública para falar de uma esperança mais verdadeira do que o otimismo vazio de qualquer retórica política já sem vime: uma esperança que possa construir um mundo melhor do que aquele tão profundamente moldado pelo materialismo, individualismo e consumismo, um mundo em que os recursos são compartilhados, as desigualdades abordadas e uma nova dignidade encontrada entre nós e para todos e todas nós.

Igrejas que vivem e rezam somente em comunidades escondidas, privadas, separadas umas das outras, são chamadas pelo Cristo ressuscitado a serem “enviadas” para os espaços públicos e abertos do mundo, para reenquadrar nosso senso corporativo do que importa, para fazer cair ídolos e para fazer parte do acolhimento do Reino de Deus no qual as pessoas pobres são abençoadas e as cativas libertadas. Um mundo que clama por amor profundo, por comunidade, por justiça e por esperança precisa de igrejas que estejam visivelmente em comunhão, desejando unidade onde haja divisão, a fim de encontrar um novo futuro para a humanidade e para toda a criação, como expresso em Apocalipse 21.

*O Amor de Cristo leva o Mundo à Reconciliação e Unidade* O tema da 11ª Assembleia é *um canto de louvor* ao Deus cujo amor, em Cristo, nos move. É *uma declaração de crença e confiança* de que é a vontade de Deus a nos mover, através do amor, em direção à reconciliação e à unidade. É *uma mensagem* para o mundo sobre o amor que é o coração da fé Cristã. É *um convite* às igrejas e a todas as pessoas de boa vontade em todo o mundo para compartilhar a sabedoria comum do amor para nos mover a nos reconciliarmos e a encontrarmos nossa verdadeira unidade como humanidade.




## World Council of Churches


Endereço postal:  
Caixa Postal 2100  
CH-1211 Genebra 2  
Suíça


Endereço para visitas:  
150 route de Ferney  
Grand-Saconnex (Genebra)  
Suíça


Tel: (+41 22) 791 6111  
Fax: (+41 22) 791 0361

[www.oikoumene.org](http://www.oikoumene.org)

 [worldcouncilofchurches](https://www.facebook.com/worldcouncilofchurches)

 [@oikoumene](https://twitter.com/oikoumene)

 [@worldcouncilofchurches](https://www.instagram.com/worldcouncilofchurches)

 [wccworld](https://www.youtube.com/wccworld)

"O amor de Cristo move o mundo à reconciliação e à unidade" - uma reflexão sobre o tema da 11ª Assembleia do Conselho Mundial de Igrejas, Karlsruhe, 2022. Equipe de produção: Odair Pedroso Mateus, Marianne Ejersten, Stephen Brown, Marcelo Schneider, Krystyna Konovalova. Designer: Juliana Schuch. Capa: Baseada no símbolo da foto da contracapa do livro da 11ª Assembleia do CMI.

